

Retrato de Martins Pena.

MARTINS PENA

O olhar acadêmico para a cultura popular

DAVI FAZZOLARI

As comédias de Martins Pena possuem as qualidades necessárias para estabelecer entre os mais jovens uma referência bastante adequada dos registros que se produziram no Brasil, em relação aos seus percursos sociais, ocorridos entre o grito de Independência e a proclamação da República. Trata-se de uma obra enriquecedora para o repertório do estudante e que pode instrumentalizá-lo para o desenvolvimento de uma das competências cada vez mais requeridas no Brasil, a saber, a da leitura crítica dos costumes burgueses, em seus desejos por estabilidade e ascensão social, durante o processo de formação da sociedade brasileira.

As personagens, criadas pela observação contundente de Martins Pena, se compreendidas e interpretadas à luz de seus papéis sociais e das situações em que foram inseridas, de fato, podem oferecer ao leitor um dos mais abertos caminhos de elaboração crítica das circunstâncias que tramaram a cena brasileira do século XIX.

Além das perspectivas temática e histórica, a obra de Martins Pena merece lugar especial nos cursos regulares de Língua Portuguesa, também por oferecer ao estudante uma série de possibilidades leitoras, a partir da análise, em suas comédias, de um léxico popular bastante expressivo e em constante evolução no Brasil.

■ MARTINS PENA (1815-48)

Luís Carlos Martins Pena nasceu em 1815, no Rio de Janeiro. Órfão desde muito cedo, cresceu sob a supervisão de tutores comerciantes, o que o levou “naturalmente” à mesma carreira. Apesar de já ter concluído o curso de comércio, com seus vinte anos, passou a frequentar a Academia Imperial de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, por se sentir mais próximo das artes. Em contato direto com professores e artistas que integravam a chamada Missão Artística Francesa, pôde, enfim, desenvolver suas aptidões e passou a escrever peças de teatro, vindo a ser considerado o precursor da comédia de costumes no Brasil. Paralelamente, a partir de 1838, iniciou-se no funcionalismo, dentro do Ministério dos Negócios Estrangeiros. No mesmo ano teve sua primeira peça representada — *O juiz de paz na roça* — no Teatro São Pedro. No ano de 1847, chegou a exercer atividade no corpo diplomático brasileiro em Londres, onde adoeceu, vítima de uma tuberculose. A caminho do Brasil, em 1848, na tentativa de se curar, faleceu em Lisboa, aos 33 anos. Deixou escritas quase trinta peças, dentre elas vinte comédias que se tornaram uma referência fundamental na história do teatro brasileiro e nos registros dos costumes nacionais, em uma sociedade ainda em formação, no século XIX.

A TEMÁTICA DE MARTINS PENA E O REGISTRO DO BRASIL NO CONTRAFLUXO DAS IDEALIZAÇÕES ROMÂNTICAS

A obra de Martins Pena se consolida pela comédia de costumes, o que frustra a expectativa de intelectuais, no século XIX, que esperavam nascer no Brasil um teatro que fosse mais consistente, mais portentoso, com a produção dos dramas ao modo das escolas europeias, destacadamente a francesa, e de suas famosas companhias. Daí o aplauso fervoroso de José de Alencar, nosso maior nome das letras românticas, não se destinar ao comediógrafo, mas ao Ginásio Dramático dirigido por Émile Doux. Contudo, se à época a obra de Martins Pena não foi recebida com o entusiasmo da crítica que merece ainda hoje, a escolha de um gênero mais popular pode ter sido responsável por essa sua mesma obra ter chegado, tão viva, até nossos dias.

Afinal, que material humano estava à disposição dos escritores para a criação de grandes dramas? Para a professora e pesquisadora Iná Camargo Costa, em um estudo de 1989 intitulado “A comédia desclassificada de Martins Pena”,

havia um abismo entre as exigências formais do drama (dados os seus pressupostos sociais) e a matéria social com que os candidatos a dramaturgo podiam trabalhar. Por isso o reincidente fracasso (ao menos de crítica) de quase todas as tentativas de criação do nosso “teatro nacional” em chave dramática, quando esse mesmo teatro ia sendo feito em chave cômica. Daí a espécie de mal-estar com que a intelectual idade contemporânea e mesmo póstera sempre viu o sucesso de público de certa comédia, sempre relegada a um grau inferior na hierarquia da arte dramática.

É esse sentimento paradoxal que parece povoar os anseios das elites nacionais em formação, que, de um lado, queriam um país independente, desenvolvido e próspero, mas, de certa forma, procuravam negar seus costumes e idealizavam, para sua própria cultura, os modelos europeus. Martins Pena parecia estar atento a essa questão e fez das supostas recompensas do estrangeiro um tema parodístico, comum em sua obra, baseado nesse olhar de idealização do outro, em detrimento do entorno nacional.

De modo jocoso, desfazendo idealizações, o tema foi apresentado em *Quem casa quer casa* (comédia em um único ato, escrita e representada em 1845). Vejamos a cena XII:

EDUARDO: Verás, hei de ser insigne! Viajarei por toda a Europa, África e Ásia; tocarei diante de todos os soberanos e figurões da época, e quando de lá voltar trarei este peito coberto de grã-cruzes, comendas, hábitos, etc., etc. Oh, por lá é que se recompensa o verdadeiro mérito... Aqui, julgam que fazem tudo pagando com dinheiro. Dinheiro! Quem faz caso de dinheiro?

PAULINA: Todos. E para ganhá-lo é que os artistas cá vêm.

EDUARDO: Paulina, o artista quando vem ao Brasil, digo, quando se digna vir ao

Brasil, é por compaixão que tem do embrutecimento em que vivemos, e não por um cálculo vil e interesseiro. Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem; são princípios da arte...

PAULINA: E depois das algibeiras cheias, safa-se para as suas terras, e comendo o dinheiro que ganhara no Brasil, fala mal dele e de seus filhos.

EDUARDO: Também isso são princípios de arte...

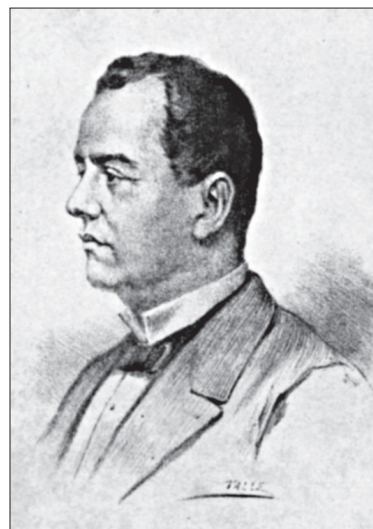
O crítico Décio de Almeida Prado afirmou, em sua *História concisa do teatro brasileiro*, que, pela escrita teatral, Martins Pena nada tinha de romântico: “Ao contrário, o escritor brasileiro, em suas peças cômicas, satirizou as atitudes exaltadas e as declarações de amor bombásticas”. Esse nosso pré-realista parece que, à medida que produz suas comédias, vai mesmo bordando seu discurso da desfaçatez em relação aos cultuados melodramas, àquela altura. Em *O noviço* (comédia em três atos, escrita e representada pela primeira vez em 1845), a fala falsa do antagonista Ambrósio (ato 2º, cena v) desfila a verborragia empolada, não deixando qualquer dúvida ao público de que se trata de um embuste:

AMBRÓSIO: Oh, então eu não sabia que estes dois pombinhos se amavam, mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão, como ressentem estes dois inocentes, torna-se o convento abismo incomensurável de acerbos males, fonte perene de horríssonas desgraças, perdição do corpo e da alma; e o mundo, se nele ficassem, jardim ameno, suave encanto da vida, tranquila paz da inocência, paraíso terrestre. E assim sendo, mulher, quereria tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

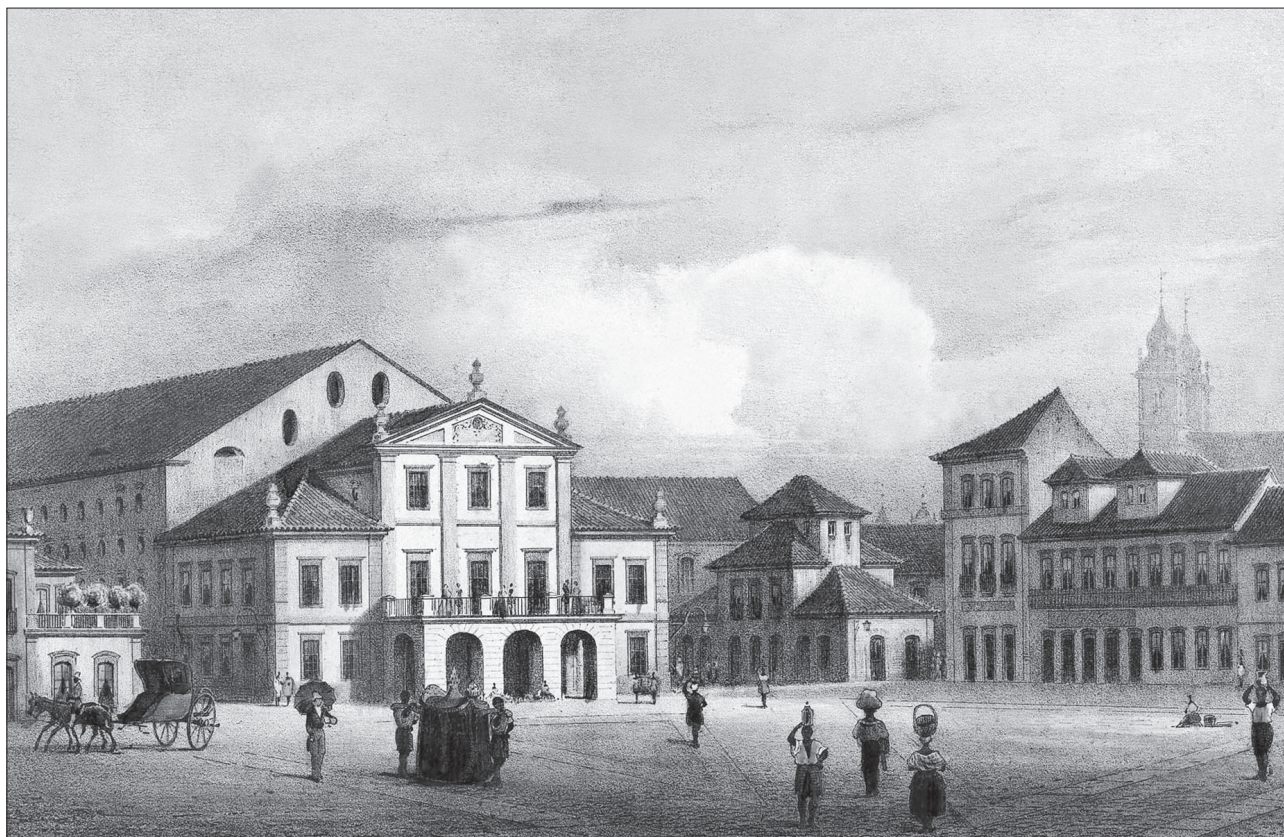
A paródia do rebuscamento sentimental ainda se lerá com fartura em muitas outras comédias de Martins Pena. Em *Os ciúmes de um pedestre, ou O terrível capitão do mato* (comédia em um ato, escrita em 1845 e encenada em 1846), o discurso do protagonista após supor ter matado a esposa (cena IX) deve ter garantido um momento de grande diversão à plateia por se tratar de uma nítida paródia às consagradas representações de *Otelo*, de Shakespeare, levadas ao palco pela prestigiadíssima companhia de João Caetano.

PEDESTRE: Morta, morta, morta! Talvez não fosse culpada; talvez, quem sabe? Que abismo! Inocente! Mas a carta, a carta? Teu marido é um animal... Animal! Oh, se tivesse o indigno sedutor debaixo dos pés, se o visse tremendo, enfiado nesta espada, ah! seria feliz! Pérfida! Insultado, desonrado! Oh, quisera nadar em sangue! Pérfida!

Em sua busca pelo registro fidedigno dos costumes e pensa-



João Caetano — grande ator e encenador da época, retratado por Valle no livro *Biografia completa do primeiro ator dramático brasileiro João Caetano dos Santos*, de Ferreira Guimarães e Cassiano Cezar.



Gravura de Loeillot W., *Theatro Imperial* (1835). Teatro onde estrearam peças de Martins Pena. Atual Teatro João Caetano.

mentos nacionais, Martins Pena antecipa muitos dos temas que serão tratados de modo mais minucioso por José de Alencar ou mesmo por Machado de Assis, dentro das relações familiares. As desavenças escancaradas em suas comédias parecem fundar-se na observação simples das aparências. Mas, ao fim, as aparências são bastante evisceradas pelo autor, no modelo social que utiliza em cena. Os debates abertos pelos temas apresentados pretendem levar o leitor/espectador a reflexões acerca de hábitos, personalidades, posturas e, principalmente, valores éticos e morais que pautam o cotidiano de uma sociedade que, ao expor suas mazelas — acolhidas pelo bom humor e em meio a desfechos festivos —, anuncia, para um futuro breve, suas fraturas mal curadas.

APTIDÕES NEGADAS, HIPOCRISIA INSTAURADA

Tema aparentemente autobiográfico, a valorização do dinheiro em detrimento das aptidões artísticas encontra espaço farto na obra de Martins Pena. Personagens chegam a discursar sobre certas angústias juvenis em uma sociedade que vê como ingênuas as inclinações do homem para o pensamento. É bom não esquecer que Martins Pena sempre foi jovem — morreu com apenas 33 anos — e, apesar de ter frequentado a Academia Imperial de Belas-Artes e escrever peças de teatro com certa regularidade, viu-se, em dado momento

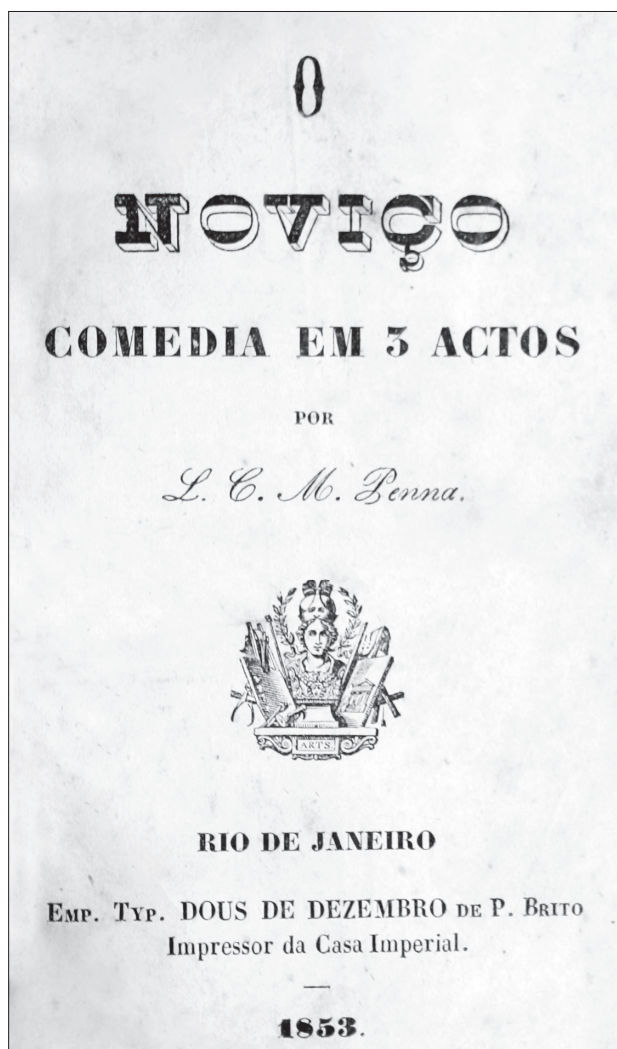
da vida, exercendo o cargo de amanuense no Ministério de Negócios Estrangeiros. O debate sobre os conflitos gerados pela profissão imposta em detrimento das aptidões juvenis, veremos registrado em algumas cenas de suas peças, destaque para uma fala bastante entusiasmada de Carlos, o protagonista de *O noviço* (ato 1º, cena VII).

EMÍLIA: Pobre Carlos, como terás passado estes seis meses de noviciado!

CARLOS: Seis meses de martírio! Não que a vida de frade seja má; boa é ela para quem a sabe gozar e que para ela nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para tal vidinha negação completa, não posso!

EMÍLIA: E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-á.

CARLOS: O tempo acostumar! Eis aí porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates. Este tem jeito para sapateiro: pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico: pois não senhor, será políti-



Frontispício do livro *O noviço*.

co... Ora, ainda isso vá. Estoutro só tem jeito para caiador ou borrador: nada, é ofício que não presta... Seja diplomata, que borra tudo quanto faz. Aqueloutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz; seja tesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cofres da nação à garra... Essoutro tem uma grande carga de preguiça e indolência e só serviria para leigo de convento, no entanto vemos o bom do mandrião empregado público, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMÍLIA: Tens muita razão; assim é.

E mesmo que Carlos, até o final da cena, vá apontar seus desejos para uma carreira repleta de ação (“quisera viver com uma espada à cinta e à frente de meu batalhão”), distante, portanto, dos ambientes voltados ao pensamento, resguardará em seu discurso o produto artístico, defenderá os poetas e condenará o país pela miséria imposta aos homens das artes.

CARLOS: Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil... E assim o obriga a necessidade a ser o mais ou menos amanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis. O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida, e assim se gasta uma vida? É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso, e alguém que possa.

[...]

CARLOS: A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excelente enfermeiro; acolá, um periodiqueiro que só serviria para arrieiro, tão desbocado e insolente é, etc., etc. Tudo está fora de seus eixos.

Esse delineamento da sociedade brasileira se vê nas estratégias mirabolantes das personagens, nas vingativas reações amorosas, na desfaçatez de temas caros à religiosidade, nas desarmonias eletivas dos lares, normalmente provocadas pela introdução de “más intenções” e, com mais frequência, na caricatura das aparências. E esse perfil projetado por Martins Pena está à disposição tanto de um público que busca entretenimento, mesmo hoje, como de um espectador interessado em investigar os costumes ideológicos que, com o passar das décadas, foram ocultando as principais motivações das culturas nacionais. Nas palavras de Décio de Almeida Prado:

Se o humor de Martins Pena é lúdico, divertindo-se com as cabriolas que faz as suas personagens executarem no palco, o seu espírito crítico é ferino, percussivo, com o seu tanto de causticidade. Só que ele o põe a serviço de uma visão

cômica do homem e da sociedade, cobrando todos os erros, inclusive os políticos, que não rareiam em sua obra, muito mais pelo riso do que pelas indignações inflamadas.

O ESPECTADOR NO PALCO

De certa forma, os conflitos do enredo, na comédia de costumes de Martins Pena, são amenizados pelo maniqueísmo, por vezes tão hiperbólico, das personagens e de suas respectivas ações. Cúmplice das distorções bem-humoradas estabelecidas pelo autor — e por diretores, atores e cenógrafos, no caso das montagens das peças —, o público leitor (ou espectador) tende a digerir com mais leveza as denúncias, nas entrelinhas, de certos valores morais e éticos estabelecidas ao largo das tramas.

Esse anteparo maniqueísta das cenas, aliviando, talvez, a recepção dos temas, como vimos, não se dá, de fato, em função das grandes lições de conduta moral típicas do Romantismo, e parece estar mais a serviço de um enredo calcado nas astúcias de heróis e anti-heróis, preocupados com soluções rápidas para problemas domésticos e imediatos. Daí as instituições se mostrarem afrouxadas, distantes do rigor social com que normalmente são proclamadas. Personagens ligadas às milícias ou ao clero (com fartura em *O noviço*) funcionam como obstáculos divertidos e ingênuos, apesar de, muitas vezes, estarem envolvidas em uma assimilada cultura da corrupção. Apesar do discurso severo, apresentam-se com um poder reduzido quase ao ridículo. O espectador que foi ao teatro em busca do puro entretenimento pronto associa aquela instituição ao burlesco, enquanto o jovem estudante, espectador bem orientado e mais investigativo, poderia perfeitamente ver revelado aí o tal “espírito crítico [...] percuciente, com o seu tanto de causticidade” de Martins Pena, de que nos fala Décio de Almeida Prado, e, aos poucos, ir tomando posse dos costumes que desenharam nossa sociedade, em suas origens, motivações, justificativas.

Observemos, por exemplo, o perfil do juiz do título *O juiz de paz na roça* (comédia em um ato, escrita em 1833 e representada em 1838), apresentado na cena IX:

Sala em casa do JUIZ DE PAZ. Mesa no meio com papéis; cadeiras.

Entra o JUIZ DE PAZ vestido de calça branca, rodapé de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ: Vamo-nos preparando para dar audiência. (*Arranja os papéis.*) O escrivão já tarda; sem dúvida está na venda do Manuel do Coqueiro... O último recruta que se fez já vai-me fazendo peso. Nada, não gosto de presos em casa. Podem fugir, e depois dizem que o juiz recebeu algum presente. (*Batem à porta*) Quem é? Pode entrar.

(Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta, que entrega ao juiz.)

(Juiz lendo a carta:) “Ilmo. Sr.? Muito me alegro de dizer a V. Sa. que a minha ao fazer desta é boa, e que a mesma desejo para V. Sa. pelos circunlóquios com

que lhe venero.” (*Deixando de ler:*) Circunlóquios... Que nome em breve! O que quererá ele dizer? Continuemos. (*Lendo:*) “Tomo a liberdade de mandar a V. Sa. um cacho de bananas-maçãs para V. Sa. comer com a sua boca e dar também a comer à Sra. Juíza e aos Srs. Juizinhos. V. Sa. há-de reparar na insignificância do presente; porém, Ilmo. Sr., as reformas da Constituição permitem a cada um fazer o que quiser, e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas reformas, V. Sa. fará o favor de aceitar as ditas bananas, que diz minha Teresa Ova serem muito boas. No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser — Manuel André de Sapiruruca” — Bom, tenho bananas para a sobremesa. Ó pai, leva estas bananas para dentro e entrega à senhora. Toma lá um vintém para teu tabaco. (*Sai o negro*) O certo é que é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc.

Em *O Judas em sábado de Aleluia* (comédia em um ato, escrita e representada pela primeira vez em 1844), apresenta-se ao público o cabo de esquadra da Guarda Nacional anunciando com orgulho, sem qualquer tipo de constrangimento, as vantagens financeiras de se pertencer à guarda, ambiente que, em uma situação mais idealizada, seria frequentado por aclamados heróis nacionais (cena II):

PIMENTA: Tenho que dar algumas voltas, a ver se cobro o dinheiro das guardas de ontem. Abençoada a hora em que eu deixei o ofício de sapateiro para ser cabo de esquadra da Guarda Nacional! O que ganhava eu pelo ofício? Uma tuta e meia. Desde pela manhã até alta noite sentado à tripeça, metendo sovela daqui, sovela dacolá, cerol pra uma banda, cerol pra outra; puxando couro com os dentes, batendo de martelo, estirando o tirapé — e no fim das contas chegava apenas o jornal para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o ofício para ser cabo de esquadra da Guarda Nacional! Das guardas, das rondas e das ordens de prisão faço o meu patrimônio. Cá as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco... Assim é que é o viver; e no mais, saúde, e viva a Guarda Nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguém procurar-me, dize que espere, que eu já volto. (*Sai.*)

Estabelecer as comédias de Martins Pena como referência de fixação dos costumes nacionais poderá abrir caminhos mais estimulantes e nítidos — menos áridos! — ao jovem leitor, principalmente quando a intenção do educador é levar seus alunos a um olhar crítico em relação ao uso de nossos códigos orais e escritos e, acrescido a isso, orientá-los também a investigar a conformação dos atuais valores e princípios a partir da conduta moral e ética nos tempos de consolidação da sociedade brasileira.

Como vimos, as reflexões críticas acerca da formação de um léxico associado ao pensamento nacional encontram nos diálogos criados por esse precursor da comédia de costumes, no Brasil, indícios que podem ser de grande impulso ao estudante, oferecendo-lhe a consistência necessária para suas buscas futuras pela matéria com a qual se produz a consciência identitária em uma nova geração.

LEITURAS SUGERIDAS

“A COMÉDIA NO ROMANTISMO BRASILEIRO: MARTINS PENA E JOAQUIM MANUEL DE MACEDO”, Vilma Arêas. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 76, nov. 2006.

“A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA — NOVOS RUMOS PARA A ARTE NO BRASIL”, Ângela Âncora da Luz. *Da Cultura*, Rio de Janeiro, n. 7, 2004.

COMÉDIAS, Luís Carlos Martins Pena, edição de Vilma Arêas. São Paulo: WMF-Martins Fontes, 2007.

HISTÓRIA CONCISA DO TEATRO BRASILEIRO, Décio de Almeida Prado. São Paulo: Edusp, 1999.

“MARTINS PENA E A CRIAÇÃO DA COMÉDIA NACIONAL”, João Roberto Faria. Em: *Antologia do teatro brasileiro*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

PANORAMA DO TEATRO BRASILEIRO, Sábado Magaldi. São Paulo: Global, 2001.

ATIVIDADES SUGERIDAS

■ *A comédia dos costumes locais*

Costuma ser muito estimulante, durante os estudos da obra de Martins Pena, a montagem de uma de suas produções, elaborada pelos alunos a partir de elementos mais contemporâneos. Trata-se de uma maneira eficaz de avaliar a leitura crítica realizada pelo grupo. Ao substituir, com justificativas legítimas, elementos do cenário, do figurino, da sonorização, ou mesmo ao adaptar uma fala, o jovem leitor oferece à avaliação sua tomada de posse das intenções mais significativas registradas na peça por seu autor.

Nem sempre é necessário que os alunos desenvolvam a montagem de uma obra completa para que o exercício obtenha êxito. É possível distribuir livremente as comédias de Martins Pena entre pequenos grupos, a fim de que eles selecionem certas cenas (e, dependendo da escolha, uma só bastará) para apresentá-las, ao seu modo, em uma sequência mais preocupada com a exposição das principais ideias de Martins Pena, dentro dos temas por ele tratados, do que com o enredo completo da peça de onde extraíram excertos.

■ *Martins Pena no transporte coletivo*

Ao menos em cidades em que o transporte coletivo circula com regularidade, tem sido bastante frequente viajarmos ao som de conversas telefônicas em que passageiros acabam expondo particularidades de seus costumes mais domésticos. São assuntos familiares, pequenos problemas do dia a dia, breves comemorações, algumas desavenças no trabalho ou a conquista de um novo emprego, resumos do último fim de semana elaborados para um amigo. Se nos deixarmos levar pelo sabor dessas conversas que nos chegam unilaterais, uma viagem de casa ao trabalho ou à escola pode se transformar em uma peça de teatro bastante realista, ao modo das comédias de costumes de Martins Pena, escritas, produzidas e apresentadas, porém, dois séculos após o nascimento de nosso principal comediógrafo.

Nessa proposta, os alunos, em autoria coletiva, deverão criar uma comédia de costumes que se passe em nossos dias. Para tornar o evento mais desafiador, o interior de um transporte coletivo (ônibus, metrô, trem etc.) será o cenário obrigatório. Além disso, em uma estratégia que fere o senso de realidade, uma das personagens deverá ser Martins Pena, passageiro a observar e anotar certas falas soltas das demais personagens que, ao telefone, revelam detalhes de seus costumes.

O enredo deverá se estender durante o suposto itinerário. As personagens principais poderão se alternar, ao som da chamada do telefone celular, ou quando o aparelho for acionado pelo próprio passageiro, ou, também, ao entrarem ou saírem do “ônibus-cenário” por força de seus endereços ou destinos.

O principal objetivo é aproximar o estudante do gênero teatral desenvolvido no Brasil por Martins Pena e, ao mesmo tempo, levá-lo ao distanciamento crítico necessário para extrair os temas do cotidiano pela observação do entorno.

■ *O que somos e o que queremos*

Em *O noviço*, ainda no início da trama, durante um diálogo entre o inflamado protagonista Carlos e sua amada Emília, Martins Pena dá ao público da época um dos debates mais importantes para uma sociedade em formação: as inclinações e as aptidões individuais de um lado e, de outro, as exigências sociais que levam as pessoas a escolher suas profissões, suas funções sociais.

Depois de apresentar a trama e esclarecer os conflitos que cercam a personagem Carlos, promova a leitura da cena VII do ato 1 da peça *O noviço*. Em seguida, a partir de duas questões centrais, desenvolva um breve debate de aquecimento, para, só depois, encaminhar a atividade proposta:

- I. Quais são, afinal, os principais componentes, em nossos tempos, que levam cada um de nós a assumir determinado papel na sociedade?
- II. Quanto às aptidões artísticas, os tempos são outros ou ainda vivemos o que afirma Carlos, durante a conversa com Emília: “Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação ferosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil... E assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis”?

Após o debate, reúna os alunos em trios e encomende a reescrita da cena VII em questão, a partir dos moldes contemporâneos (nossa época e nosso espaço social). Para a atividade ser bem-sucedida é importante que, preliminarmente, eles listem profissões e aptidões em voga na região onde vivem. As buscas dos jovens e as frustrações no início do século XXI estarão próximas ou distantes daquelas anunciadas pelo discurso inflamado de Carlos, no século XIX?

Dois estudantes deverão, ainda, atribuírem-se os papéis de Carlos e Emília,

e serem dirigidos pelo terceiro componente do grupo, que deverá ser responsável também pela redação final da cena.

Sugerimos que as apresentações sejam distribuídas ao longo do bimestre, nos dez minutos finais de cada aula.

■ *Costumes: da pintura ao palco*

Para que o aluno compreenda bem o conceito de “registro de costumes”, promova uma visita virtual à obra de Debret. Há uma grande oferta de imagens na internet e recomendamos as que foram editadas pela *Enciclopédia Itaú Cultural*, dada sua apresentação didática. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=670&cd_idioma=28555>.

Após a visita à “exposição”, organize os alunos em pequenos grupos e os oriente a captar imagens do cotidiano. Bem mais importante que a qualidade do equipamento utilizado por eles, será o registro do gesto, do comportamento coletivo, em ambientes favoráveis, começando pela própria escola.

Serão bons cenários para o exercício fotográfico as ruas

próximas à escola, o comércio de pequeno formato e também os maiores, dentro de shopping centers, ou ainda o interior de transportes públicos que utilizam em sua rotina.

Para tanto, eles podem se valer de máquinas fotográficas bem simples, de aparelhos celulares ou ainda, caso alguém no grupo se disponha, do desenho de observação.

Realizada a captação do material, disponibilize espaço para que os grupos apresentem sua exposição dos costumes locais. As imagens poderão ser legendadas ou, por opção do grupo, exibidas com explicações simultâneas.

Além de levar o estudante a um distanciamento crítico em relação aos costumes de seu próprio entorno social, o principal objetivo da atividade é tornar mais próximo ao estudante o senso de observação dos elementos composicionais reunidos por Martins Pena em suas comédias, desenvolvidas na realidade brasileira do século XIX.

■ *Gosto se discute!*

Sabemos o quanto é importante ter cuidado com o julgamento e com a interpretação de uma obra artística e, por isso, é necessário preservá-la de nosso gosto particular o máximo possível, ao apresentá-la aos estudantes. É preciso que a obra seja entregue sem os filtros da preferência individual estabelecidos por nós. Mas, evidentemente, os produtos artísticos, em sua trajetória até nossos dias, ganham corpo e são alimentados também pelas críticas que recebem, mantendo-se vivos e desenvolvendo suas próprias

MARTINS PENA E DEBRET: A FORMA PELAS CIRCUNSTÂNCIAS DO REGISTRO

Fator decisivo na vida de Martins Pena foi sua formação na Academia Imperial de Belas-Artes. Foi ali que, provavelmente, entrou em contato mais significativo com a pintura de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), o *anotador de seu tempo*, segundo Ângela Âncora da Luz. Integrante da chamada Missão Artística Francesa, Debret não só registrou em suas aquarelas a vida cotidiana do Rio de Janeiro, urbano e rural, da época, como foi um dos empenhados fundadores daquela academia.

As melhores críticas acerca da obra de Martins Pena estimulam a aproximação entre os dois artistas, ao apontarem o aprimoramento da produção do escritor quando conteve a forma e fez seus temas migrarem do drama para a comédia de costumes. Percurso semelhante ao adotado pelo artista francês, que, no Brasil, se afasta do estilo neoclássico de David, de quem se nota grande influência nas obras produzidas em seu país de origem, e substitui o óleo pela aquarela — técnica coadjuvante à época —, definitivamente mais adequada ao registro do país escravocrata, que recebia por seus olhos europeus e documentava, assim, com maior fidedignidade de gestos, cores e expressões de sentimentos.

Para a professora de literatura brasileira Vilma Arêas, em seus estudos acerca da comédia no Romantismo brasileiro, “o mérito não foi só a troca do óleo pela aquarela, mas a própria realização dela, [...] o que marca não só o afastamento do padrão francês, mas uma percepção inteligente de nossa sociedade”.

histórias. Em outras palavras, um conto, um romance, uma peça de teatro não chegarão puros e livres de contaminações, por mais que nos esforcemos. Melhor que assim seja.

Um de nossos interesses no estudo de uma obra junto aos jovens leitores é que ela consiga, por meio de metodologia adequada, estimular e desenvolver as competências leitoras necessárias ao aluno em sua aprendizagem. “Ler as leituras” realizadas por outras vozes talvez seja um dos melhores caminhos para instrumentalizá-los a receber as variadas poéticas produzidas ao longo dos períodos artísticos visitados em sala de aula.

Divida a classe em dois grupos. Cada um deles assumirá uma das opiniões apresentadas a seguir, em um debate fictício. De um lado, com argumentos consistentes, extraídos da própria obra de Martins Pena, os que defenderão as ideias de José de Alencar e de Machado de Assis sobre o autor e, de outro, os que defenderão, também com argumentos extraídos da obra do comediógrafo, a opinião do crítico Sílvio Romero.

Ao moderar o debate, leve em consideração o fato de as duas opiniões motivadoras não se excluírem completamente.

Os dois excertos foram extraídos de um estudo breve do professor João Roberto Faria, publicado na introdução à *Antologia do teatro brasileiro* (obra citada acima).

Trecho 1

Alencar e Machado viam o teatro como literatura, acreditando na hierarquia dos gêneros, ao gosto do Classicismo. Para ambos, Martins Pena teria alcançado outro patamar se tivesse se dedicado à alta comédia. A farsa, a baixa comédia, o burlesco ficavam no último degrau da escala de valores levada em conta pelos dois escritores.

Trecho 2

Se se perdessem todas as leis, escritos, memória da história brasileira dos primeiros cinquenta anos deste século XIX, que está a findar, e nos ficassem somente as comédias de Pena, era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época.

(Sílvio Romero)